

— PRÊMIO —



EMPRESA VERDE



AS VENCEDORAS

**AS 20 COMPANHIAS COM MELHORES
PRÁTICAS AMBIENTAIS** (em ordem alfabética)

Akzo Nobel	EDP
Algar Telecom	HP
AmBev	HSBC
Andrade Gutierrez	Irani
ArcelorMittal	Itambé
Bradesco	Itaú Unibanco
Bunge	Natura
Caixa	Santander
Cnec WorleyParsons	Telefônica
Coelce	Vale

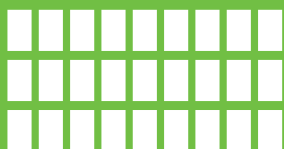
OS PRÊMIOS ESPECIAIS

Akzo Nobel Tintas Decorativas
Prêmio Época Empresa Verde - Indústria

Coelce
Prêmio Época Empresa Verde - Serviços

Itambé
Prêmio Época Mudanças Climáticas - Indústria

Itaú Unibanco
Prêmio Época Mudanças Climáticas - Serviços





AS CAMPEÃS DO MEIO AMBIENTE

Em sua primeira edição, o Prêmio Época Empresa Verde aponta as companhias que mais investem em preservação ambiental no Brasil

Cynthia Rosenburg

Um dos maiores desafios para a humanidade neste século é aliar o desenvolvimento e a conservação ambiental. Num mundo que caminha para 9 bilhões de pessoas – com mais de 2 bilhões vivendo abaixo da linha de pobreza – e que já começa a sentir os efeitos da mudança climática, será preciso encontrar formas de avançar economicamente ao mesmo tempo que preservamos os recursos naturais. Poucos países estão tão bem posicionados para resolver essa equação como o Brasil. Em tempos de turbulência global, não só temos demonstrado capacidade de manter a máquina econômica em movimento, como temos – em abundância – água, terra, florestas e energia limpa, que serão fundamentais na construção de uma nova economia verde. Transformar o país numa potência ambiental do século XXI só será possível com a participação das empresas – e também aqui há sinais de que temos chances de sair na frente.

É o que mostra a primeira edição do Prêmio Época Empresa Verde. Uma parceria da revista ÉPOCA com a consultoria PricewaterhouseCoopers (PwC), o prêmio aponta as 20 companhias mais avançadas no país no sentido de incorporar a preocupação com o meio ambiente ao dia a dia dos negócios. Quatro se destacaram e receberam prêmios especiais. A Itambé ganhou o Prêmio Época Mudanças Climáticas na categoria de indústria, especificamente por seu trabalho em relação ao aquecimento global. O banco Itaú Unibanco recebeu o Prêmio Época Mudanças Climáticas em serviços. Por todas as suas iniciativas, nas várias dimensões ambientais, a Akzo Nobel Tintas Decorativas ganhou o Prêmio Época Empresa Verde da indústria. E a Coelce foi eleita na categoria de serviços. “As empresas estão cada vez mais engajadas na busca de soluções para os problemas socioambientais do país”, afirma Rachel Biderman, consultora sênior do World Resources Institute no Brasil e uma das conselheiras do prêmio.

O Prêmio Época Empresa Verde é uma evolução do Prêmio Época Mudanças Cli-

máticas, criado com a PwC em 2008. Entre 2008 e 2010, a pesquisa mostrou as companhias com o melhor controle de suas emissões de gases do efeito estufa e o melhor plano para reduzi-las. Neste ano, passou a avaliar a estratégia ambiental das empresas de forma mais ampla – analisando, além das ações voltadas para as mudanças climáticas, questões como o impacto na biodiversidade, o uso de matérias-primas renováveis, o consumo consciente da água, a destinação dos resíduos, a eficiência energética e a inovação no desenvolvimento de processos e produtos. “Ao longo dos anos, percebemos que as empresas, além de abordar a questão do clima, demonstravam ter uma estratégia ambiental mais abrangente”, afirma Ernesto Cavin, diretor em soluções em sustentabilidade empresarial da PwC. “Isso revelou a importância de dar espaço para esses temas.”

Neste ano, 120 companhias se inscreveram para participar da pesquisa. Elas responderam a um questionário composto de dois blocos de perguntas. O primeiro foi elaborado com base na metodologia internacionalmente usada para medir e comunicar os dados de sustentabilidade, a Global Reporting Initiative (GRI). Essa parte da pesquisa avalia como a empresa lida com meio ambiente em várias áreas do negócio.

O CONSELHO DO PRÊMIO

Quem são os especialistas que ajudaram a apontar as empresas premiadas

JOSÉ ROBERTO MARINHO

Presidente da Fundação Roberto Marinho e vice-presidente de relações institucionais e de responsabilidade social das Organizações Globo

JOSÉ AUGUSTO FERNANDES

Diretor executivo da Confederação Nacional da Indústria

LUÍZ GYLVA

Professor do Instituto de Estudos Avançados da USP

MARK LUNDELL

Coordenador de operações setoriais para o desenvolvimento sustentável do Banco Mundial

RACHEL BIDERMAN

Consultora sênior do World Resources Institute no Brasil

O segundo bloco é focado em mudanças climáticas. Ele procura saber o que a empresa faz para reduzir as emissões responsáveis pelo aquecimento global. E suas iniciativas para envolver fornecedores ou mesmo clientes. Empresas da indústria e de serviços responderam a questões específicas e foram avaliadas separadamente. Com base em critérios objetivos, a PwC calculou a pontuação de cada companhia e chegou às 20 empresas com melhor desempenho ambiental. A partir dessas 20, um conselho de especialistas elegeu os quatro prêmios especiais de Empresa Verde (indústria e serviços) e Mudanças Climáticas (indústria e serviços).

A ação mais citada pelas empresas é na área de energia. Das pesquisadas, 88% dizem que fizeram investimentos para aumentar sua eficiência. Cerca de 74% das companhias afirmam ter metas para reduzir seu impacto na biodiversidade. Essas empresas enxergam os atuais desafios ambientais como uma oportunidade: 84% dizem que criaram processos com impacto ambiental positivo. Esse é o melhor indicador. Se a nova economia verde não surgirá de uma hora para outra, as experiências dessa elite do setor privado brasileiro revelam que a transformação já começou. ♦

UM RETRATO DO SETOR PRIVADO

Os números do Prêmio Época Empresa Verde

SETORES

Indústria

57%

Serviços

43%

PORCENTUAL DE EMPRESAS QUE RELATAM...

Realizar iniciativas para mitigar o impacto ambiental dos processos

100%

Reduzir o consumo de recursos não renováveis

100%

Realizar melhorias na conservação e eficiência de energia

88%

Ter criado processos com impacto ambiental positivo

84%

Realizar ações voluntárias de proteção ambiental

78%

Ter metas para gestão dos impactos na biodiversidade

74%

Reciclar e reusar a água

73%

Realizar investimentos para minimizar os impactos da mudança climática

46%

TODAS AS CORES DO VERDE

A fabricante de tintas Akzo Nobel desenvolve produtos com substâncias que poluem menos e até geram economia de energia

Juliana Elias

Quem já planejou a reforma do apartamento ou a renovação da casa sabe como é fascinante e, de certa forma, enlouquecedor escolher as cores para as paredes, o teto e as portas. A diversidade de opções desafia nossa capacidade de escolha. Para fugir dos básicos branco, bege e gelo, as cores mais fortes como vermelho, laranja, amarelo ou azul já entraram para as melhores soluções de design. Para quem quer variar ainda mais, dá para escolher entre um verde-primavera ou um verde-angra, o vermelho suave ou o vermelho picante, o laranja-pitanga ou o laranja-imperial. Há opções de textura, com tintas que prometem brilho, outras que puxam para o fosco, mais algumas que propõem uma cara rústica. Para facilitar a escolha, os sites das marcas fazem simulações de cores e combinações antes de você comprar.

Essas cores que enfeitam e alegam nosso ambiente são apenas o lado naturalmente mais visível da indústria de tintas. O que os olhos do público em geral não veem é o impacto desses produtos no ambiente. Como toda indústria química, o setor das tintas vem trabalhando nos últimos anos para reduzir ou substituir

as substâncias tóxicas ou poluidoras que vêm nas latas de suas cores. Uma das líderes nesse processo de limpeza tecnológica das tintas é a empresa Akzo Nobel, dona das marcas Ypiranga e Coral. A fabricante vem investindo em novos processos de confecção das tintas, lançando produtos inovadores e pesquisando para diminuir o custo ambiental da pintura decorativa. Por essas iniciativas, ela recebeu o Prêmio Época Empresa Verde, na categoria indústria. “A empresa se destaca por suas iniciativas de inovação para a sustentabilidade”, afirma José Augusto Fernandes, diretor executivo da Confederação Nacional da Indústria e um dos conselheiros



A EMPRESA PESQUISA NO BRASIL TINTAS COM ETANOL DE CANA PARA SUBSTITUIR UM SOLVENTE POLUIDOR

do prêmio. “Num ramo extremamente complexo como o químico, ações como essas podem servir de exemplo.”

Um dos principais desafios ambientais da indústria das tintas é lidar com os solventes. São compostos químicos que diluem os pigmentos da tinta. Eles evaporam quando a tinta seca na parede, deixando o cheiro forte típico no ambiente. Geralmente, essas substâncias são tóxicas ou nocivas ao meio ambiente. Os mais comuns viram gases que atacam a camada de ozônio na atmosfera. Essa camada, situada entre 30.000 e 40.000 metros de altitude, absorve 99% dos perigosos raios ultravioleta que chegam à Terra. Para protegê-la, os fabricantes de tintas adotam dois tipos de estratégia. Uma delas é controlar o uso das substâncias durante o processo de fabricação e transporte, para reduzir o risco de vazamento. A outra é tentar substituir essas substâncias por outros solventes menos poluentes. Há uma década, as empresas lançaram tintas à base de água. Mas não resolvem todos os problemas. Alguns produtos, como tintas para metais, precisam de características de aderência que a água não dá. Por isso, a indústria continua pesquisando.

A Akzo investe € 334 milhões por ano (cerca de R\$ 788 milhões) em novas tecnologias. São 4 mil cientistas em 160 laboratórios no mundo. Um deles, no Brasil, tem linhas de investigação únicas. “Nossas pesquisas com fontes renováveis estão sendo observadas de perto por todo o resto do grupo”, diz Elaine Poço, diretora de tecnologia e sustentabilidade da divisão de tintas decorativas da empresa. Há estudos a partir da cana-de-açúcar, com o objetivo de usar etanol no lugar de compostos tóxicos. A Akzo Brasil já desenvolveu produtos feitos com óleos vegetais, como soja, linhaça e coco. “Nossa principal meta é reduzir o uso de compostos voláteis (os que atacam a camada de ozônio) em 25% até 2015”, afirma Elaine. A empresa está acostumada a cumprir as próprias metas e se antecipa a exigências legais. O chumbo

NOVO MATERIAL

Elaine Poço, da Akzo, segura uma garrafa PET. A empresa faz tintas com plástico reciclado



na produção de tintas, que foi proibido no Brasil em 2008, já havia sido banido pela Akzo Nobel em todo o mundo dez anos antes.

Em paralelo, a Akzo vem lançando produtos com outras vantagens ambientais. Entre as inovações recentes estão as tintas que potencializam a luminosidade do ambiente. Elas diminuem a necessidade de iluminação artificial no ambiente onde são aplicadas. Isso reduz os gastos de energia dos consumidores. Outro lançamento da Akzo são tintas concentradas. O produto exige menos embalagem e reduz os gastos com transportes, tanto da empresa quanto do consumidor. Quem já encheu o porta-malas do carro com latões e baldes de tinta sabe como faz diferença. Em 2005, a Akzo começou a usar garrafas PET recicladas no lugar das resinas derivadas de petróleo como matéria-prima para algumas tintas. A empresa já transformou 120 milhões de garrafas de refrigerantes ou água mineral em tinta nova. Com isso, reduziu em 10% as emissões de carbono no processo de fabricação desses produtos. Em 2009, a venda desses itens, batizados de “eco-premium”, respondia por 20% da receita global. Em 2010, a proporção chegou a 25%.

O grupo também investe em ecoeficiência. Em 2010, lançou um plano que visa à redução de 20% no consumo de energia, 15% nas emissões de gás carbônico e 30% no despejo de resíduos de todas as suas fábricas até 2015. “O plano traçado para o Brasil vai cortar em 1.100 toneladas as emissões de gás carbônico a partir de 2011”, diz Elaine. Inclui ações como trocas de bombas no maquinário, modernização dos motores e uso de energia solar no abastecimento de algumas partes do prédio. “Há dois anos a empresa deu início a uma reestruturação para incluir a sustentabilidade como eixo central do negócio”, afirma Elaine. “Muitas vezes, essas ações são mais custosas ou não nos trazem nenhum retorno financeiro extra. Mas elas são imprescindíveis.”

➔ AKZO NOBEL

SETOR | Químico

DESTAQUES

■ Busca reduzir o uso de substâncias tóxicas em 25% até 2015

■ Substituiu compostos tóxicos por soluções à base de água em 80% das tintas decorativas

■ Desenvolve produtos inovadores, como uma tinta que potencializa a luminosidade do ambiente





A CONTA É MAIS BARATA PARA TODOS

A Coelce fornece energia elétrica e consciência ambiental a seus clientes. O resultado é bom para a empresa e para o Brasil

Juliana Elias



Marleide Rabelo Lima mora com os dois filhos no Parque Betânia, em Fortaleza, no Ceará. É ela quem sustenta a casa, com a renda que ganha vendendo cosméticos durante o dia e cerveja e espetinhos na porta de casa à noite. Há dois meses, Marleide conseguiu realizar um sonho de consumo: trocar a geladeira velha por uma nova. “A antiga tinha quase 20 anos”, diz. A redução na conta de luz – a fatura ficou 25% mais barata – fez uma grande diferença no orçamento da família, que Marleide controla rigorosamente. “Cheguei a ligar um freezer uma vez, mas a conta subiu e tive de desistir.”

A família de Marleide foi uma das 51 mil sorteadas no programa de doação de geladeiras da Coelce, a distribuidora de energia do Ceará – destacada nesta edição com o Prêmio Época Empresa Verde do setor de serviços. A empresa assumiu o papel de incentivar hábitos ecológicos entre seus clientes. É um trabalho importante para o país porque, embora a maior parte dos clientes da operadora ainda tenha padrões modestos de consumo, sua renda vem crescendo nos últimos anos.

Com a evolução econômica do Nordeste, os clientes da Coelce estão desfrutando maior conforto material, sem exigir mais dos recursos do planeta.

As campanhas com os clientes começaram pela geladeira porque é o eletrodoméstico mais estratégico para controlar a conta de eletricidade. “A geladeira representa cerca de um terço do consumo elétrico da casa”, diz José Nunes Almeida, diretor institucional da Coelce. “E nas famílias de baixa renda é onde pesa mais, porque os eletrodomésticos costumam ser velhos e gastar até três vezes mais

energia.” Graças ao programa de renovação de geladeiras e outras campanhas de conscientização, foram economizados 26.600 megawatts-hora nos últimos quatro anos, o equivalente ao consumo de 4 mil casas como a de Marleide.

Por que uma empresa que vende eletricidade incentivaria seus clientes a gastar menos? A Coelce diz que, por um lado, o consumo eficiente reduz a inadimplência. “É melhor um cliente que pague menos do que um cliente que não pague”, diz Nunes. Além disso, o consumo dos clientes de baixa renda cresce 10% ao ano no Ceará. Mesmo que os consumidores tenham equipamentos que gastam menos, a receita da Coelce continua em alta.

A empresa também incentiva os clientes a poupar outros tipos de recursos naturais. O programa Ecoelce troca materiais recicláveis – baterias, óleo de cozinha e até entulho e ferro-velho – por descontos na conta de luz. Para participar, o cliente só precisa levar o material a um dos 57 postos de coleta espalhados por 20 cidades. O crédito é calculado de acordo com o volume e o tipo de lixo, e o desconto

**CLIENTES QUE
ENCAMINHAM
MATERIAIS
RECICLÁVEIS PARA
A COELCE GANHAM
DESCONTOS
NA CONTA DE LUZ**





REFRESCO

A vendedora
Marleide Lima, de
Fortaleza, com
sua geladeira nova.
Ela reduziu
sua conta em 25%

➔ COELCE

SETOR | Distribuição de energia

DESTAQUES

■ Tem programas de eficiência energética que geram economia e benefícios para os clientes

■ Possui normas de controle ambiental em todos os aspectos do negócio

■ Procura incentivar o desenvolvimento de novas fontes de energia



é repassado para as próximas faturas. “A Coelce promove a reciclagem de forma totalmente inovadora”, diz o economista Sabetai Calderoni, presidente do Instituto Brasil Ambiente e consultor do Banco Mundial para o meio ambiente.

Essa reutilização de materiais também gera economia de energia para o país. “Reutilizar uma garrafa PET para fazer plástico consome 75% menos energia do que produzir um plástico novo. No caso do alumínio, gastam-se 95% menos.” A Coelce estima que, com o programa de

reciclagem, evitou o consumo de 9.700 megawatts-hora desde 2007.

O Ecoelce acumula 350 mil famílias cadastradas, 10.200 toneladas de lixo reaproveitado e R\$ 1,2 milhão em descontos concedidos. Foi um dos dez vencedores do Prêmio Mundial de Negócios e Desenvolvimento da ONU em 2008 e vem sendo replicado por outros Estados. É uma ideia simples que resolve diversos problemas socioambientais de uma vez: reduz o custo das indústrias que recebem a sucata, garante um destino correto para

o lixo e gera economia para os clientes. Ações desse tipo são relevantes num Estado como o Ceará, onde dois terços das famílias são de baixa renda. “A conta de luz é o único comprovante de endereço que muitas dessas pessoas têm”, diz Nunes, da Coelce. A empresa também ganha conquistando um dos menores índices em atrasos de pagamento entre distribuidoras de energia. Em 2010, encerrou o ano com 2,3% de inadimplência, ante mais de 3% na média nacional.

A Coelce procura diminuir o consumo de energia internamente. A nova sede, inaugurada em 2008, tem janelas com vidros que retêm menos calor e exigem menos ar condicionado. Na iluminação da fachada, as lâmpadas são de LED, que consomem 60% menos energia. A Coelce só usa papel reciclado, tanto na impressão das faturas de seus 2,8 milhões de clientes quanto no holerite de seus 3.100 funcionários. Até os tijolos usados na construção da sede foram feitos com entulho reciclado. A empresa também compra energia de 16 usinas eólicas do Estado. Em 2010, a energia dos ventos respondia por 2,6% da eletricidade da Coelce. É mais que o dobro da média nacional, de apenas 1%.

A Coelce está formando os consumidores que farão diferença no futuro. “Nosso consumo ainda é baixo se comparado a outros países.” No caso do Ceará, o consumo de energia *per capita* só se equiparou à média do Nordeste no ano passado, quando chegou a 104 quilowatts-hora (kWh) mensais – o que, por sua vez, já é mais baixo que a média nacional, de 120 kWh, e completamente distante dos países desenvolvidos. Nos Estados Unidos, o consumo mensal passa os 1.000 kWh por domicílio. É cerca de dez vezes o que Marleide, a vendedora de Fortaleza, gasta em sua casa. “Mas não é por isso que não vamos investir em formas de redução e de eficiência”, diz Nunes. “A cultura do desperdício é um erro de qualquer jeito.”



O LEITE BOM PARA O PLANETA

A Itambé usa energia renovável em suas fábricas e está criando produtos mais verdes. Agora quer ajudar a reduzir as emissões poluentes da pecuária

Alexandra Gonzalez

A cooperativa de produtores de leite mineira Itambé descobriu que podia ganhar com as mudanças climáticas por acaso. Em 2007, a empresa teve um problema na fábrica de manteiga, requeijão e iogurtes em Guanhães, no interior de Minas Gerais. As caldeiras que geravam energia para a produção, em funcionamento desde os anos 1970, entraram em pane. A opção seria substituí-las por outro equipamento equivalente, que queima óleo combustível, derivado de petróleo. Mas os engenheiros Gustavo Gonçalves, gerente industrial da Itambé, e Maurício Petenusso, gerente de sustentabilidade, descobriram que uma solução menos danosa ao meio ambiente seria, também, mais interessante em termos financeiros.

A Itambé poderia usar cavaco de madeira (um resíduo das serrarias da região) para alimentar as caldeiras das fábricas. Com isso, reduziria as emissões de gases responsáveis pelo efeito estufa – e receberia créditos por isso. O comprovante de emissões evitadas é comprado por empresas europeias, que precisam compensar sua própria poluição. Ainda em 2007 a

Itambé substituiu o óleo das caldeiras pelos restos de madeira. O investimento, de R\$ 13 milhões, foi todo pago com os créditos ambientais. Graças a essa experiência, a Itambé percebeu que os desafios ambientais também oferecem oportunidades para seus negócios. “Descobrimos que valia a pena investir em clima”, diz Petenusso. A estratégia rendeu à companhia o Prêmio Época de Mudanças Climáticas.

Fundada em 1949, a Itambé é uma das maiores fabricantes de laticínios do país, com vendas de R\$ 1,8 bilhão em 2010. Sua meta é reduzir as emissões de carbono das cinco fábricas em Minas Gerais e Goiás



AS FAZENDAS VÃO TRANSFORMAR O METANO LIBERADO PELO GADO EM FONTE DE ENERGIA RENOVÁVEL

em 30% até 2012. Entre 2008 e 2010, a empresa já alcançou uma redução de 12%. Somente a adoção do cavaco de madeira como fonte de combustível nas unidades de Guanhães, Pará de Minas e Goiânia evitou o lançamento de 60.000 toneladas de dióxido de carbono na atmosfera.

Mas é no campo que está o maior desafio climático da Itambé. A empresa é uma cooperativa que agrega 8.500 produtores rurais. Estima-se que as propriedades rurais concentrem cerca de 80% das emissões de gases do efeito estufa da cadeia de laticínios. Tudo por causa do gás metano (mais poluente que o gás carbônico) liberado pela ruminação e pelo esterco do gado. Para atacar essa questão, a Itambé vai transformar as emissões da pecuária leiteira em fonte de energia mais limpa. Uma das propriedades escolhidas é a Fazenda do Salvador, na cidade mineira de Cachoeira da Prata. Com 200 hectares e 150 vacas leiteiras, a fazenda produz em média 1.600 litros de leite por mês.

Nos próximos meses, será instalado ali um biodigestor – equipamento que transforma o gás metano dos pastos em gás. “Vamos usar o gás para aquecer a água que higieniza o equipamento de ordenha e para gerar energia elétrica para a propriedade”, diz o produtor Maurício Vaz de Melo. Os dejetos sólidos do biodigestor serão transformados em adubo, reduzindo os gastos com fertilizantes. O programa de biodigestores começará em 20 propriedades-modelo. Depois de avaliar o desempenho nessas fazendas, a Itambé pretende expandir a experiência para seus 8 mil cooperados.

De 2007 para cá, a Itambé investiu R\$ 20 milhões em iniciativas ambientais, a maior parte delas voltada para a eficiência energética e para as mudanças no processo industrial. A aposta em tecnologia já resultou em processos inovadores. Em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais, a empresa desenvolveu em sua fábrica de Sete Lagoas um sistema que recicla todo o líquido retirado



TÉCNICA

O gerente Mauricio Petenusso na fábrica de Sete Lagoas. A água do leite é reciclada e usada em limpeza

no processo de produção de leite em pó e leite condensado – a chamada “água de vaca”. Essa água é usada na limpeza das fábricas, refrigeração e rega de jardins. “Conseguimos reduzir 40% do volume de água que era retirada dos poços artesianos”, diz Petenusso. O sistema será levado para as outras unidades até o fim do ano que vem.

O próximo passo da Itambé é tornar suas iniciativas ambientais visíveis para o consumidor. A empresa está lançando a primeira linha de leite com selo verde, que mostra que os poluentes gerados na produção e no transporte foram compensados com o plantio de árvores. O reflorestamento é feito em áreas degradadas e de reserva legal em propriedades de cooperados e de terceiros. Isso ajuda os produtores que não cumprem a legislação ambiental a regularizar sua situação. Além de conquistar a simpatia de consumidores ambientalmente sensíveis, a Itambé poderá ganhar de outras formas com essa estratégia. “Em alguns anos o governo brasileiro poderá definir metas de redução de gases do efeito estufa para a indústria alimentícia”, afirma Fernanda Carreira, pesquisadora do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas. “As empresas que se anteciparem investindo em ações socioambientais em todas as etapas do negócio estarão na frente.”

As ações da Itambé são importantes para o país porque envolvem o setor da pecuária, tradicionalmente um dos mais refratários ao discurso ambiental. É uma iniciativa valiosa também para os próprios produtores. “A mudança climática poderá prejudicar a pecuária leiteira e ameaçar os negócios dos produtores”, afirma Fernanda Carreira. Alguns estudos científicos preveem alterações nos ciclos de chuva, que podem reduzir a produtividade no campo. “Conscientizar o pecuarista sobre as questões ambientais será fundamental para a viabilidade econômica de todos.”

➔ ITAMBÉ

SETOR | Indústria de laticínios

DESTAQUES

■ Reduziu as emissões de carbono em 12% desde 2008 – com meta de chegar a 30% até 2012

■ Diminuiu o impacto ambiental das fábricas e está lançando produtos com selo verde

■ Iniciou com produtores rurais um programa para transformar o metano da pecuária leiteira em fonte de energia limpa





A NATUREZA SEMPRE TEM CRÉDITO

Mais do que reduzir os impactos ambientais dos escritórios e das agências, o Itaú Unibanco exige cuidados ambientais na hora de conceder empréstimos

Alexandra Gonzalez

O Itaú Unibanco fez um trabalho completo para reduzir as emissões de gases do efeito estufa em suas atividades. Nas reformas de seus escritórios ou das mais de 4 mil agências espalhadas pelo país, substituiu equipamentos de informática por modelos que consomem menos energia. Instalou películas nos vidros das janelas para reduzir a necessidade de ar-condicionado. Substituiu as lâmpadas fluorescentes convencionais por modelos mais econômicos. Trocou reuniões presenciais por videoconferências, para evitar os deslocamentos. Os sete prédios de seu centro administrativo, em São Paulo, são abastecidos com energia de uma usina termoeletrônica, que transforma lixo de um aterro sanitário em gás.

O Itaú não se empenha apenas em arrumar a própria casa. Como toda instituição financeira, sua maior influência na economia não é o que se faz dentro do escritório – mas como o banco empresta seu dinheiro. “Como investidores, não queremos financiar clientes, especialmente grandes empresas, que não con-

trolam seus danos ambientais”, afirma Denise Hills, superintendente de sustentabilidade do Itaú. “Isso representa riscos financeiros para eles e, consequentemente, para nós.” Num momento em que o mundo precisa fazer uma transição para uma economia mais verde, o papel dos bancos é financiar iniciativas de outras empresas ou mesmo do cidadão comum. E recusar empréstimos para ações com impacto ambiental negativo. Com seus critérios ecológicos, o banco dá sinais do caminho que empresas dos outros setores da economia devem perseguir.



O BANCO SUGERE MUDANÇAS AMBIENTAIS NOS PROJETOS DE CLIENTES QUE BUSCAM FINANCIAMENTO



As iniciativas ambientais renderam ao Itaú o Prêmio Época Mudanças Climáticas 2011 na categoria serviços. Nos últimos anos, o banco vem buscando dar tons ambientais a sua política de concessão de crédito. Signatário dos Princípios do Equador – um conjunto internacional de diretrizes socioambientais para a concessão de crédito em instituições financeiras –, o Itaú faz análises detalhadas antes de liberar financiamentos superiores a R\$ 5 milhões. É uma política mais abrangente que a determinada pelos Princípios do Equador, que tratam de projetos acima de US\$ 10 milhões. Nessa análise, considera quesitos como a adoção de mecanismos de controle da poluição, o uso de fontes renováveis de energia e a existência de ações de proteção dos recursos hídricos e a biodiversidade, entre outros.

Em 2010, das 2.500 avaliações feitas pelo banco, 43 foram desfavoráveis. “Quando isso acontece, passamos a monitorar a proposta e tentamos negociar mudanças ambientais no projeto”, diz Denise. “Não adianta simplesmente negar o crédito. O cliente vai para um concorrente. Nós per-



PRESSÃO FINANCEIRA

Denise Hills na sede do banco. “Não queremos emprestar para quem não controla seu dano ambiental”

➔ ITAÚ UNIBANCO

SETOR | Serviços financeiros

DESTAQUES

■ Faz análise de risco socioambiental em financiamentos maiores do que R\$ 5 milhões

■ Criou um fundo que direciona recursos para iniciativas de impacto positivo no clima

■ Conta as emissões de carbono dos escritórios e das 4 mil agências e investe em eficiência energética para reduzi-las



demos o negócio e o meio ambiente perde com um empreendimento inadequado.” O Grupo Brennand Energia, de Pernambuco, proprietário de 13 hidrelétricas e parques eólicos, é um dos clientes do Itaú. O grupo buscou financiamento para a construção de pequenas centrais hidrelétricas em Mato Grosso do Sul, Goiás e Rio Grande do Sul. Para avaliar se emprestava dinheiro, o banco levou em conta, além de questões financeiras, o plantio de espécies nativas na área do empreendimento. E o financiamento foi liberado. “Quando

cumprimos os critérios ambientais, o dinheiro sai mais rápido e não corremos o risco de ter atrasos ou embargos na obra”, diz Ronaldo Cavalcanti, gerente-geral do Brennand Energia.

Nos últimos anos, o Itaú também vem criando produtos financeiros com apelo ambiental. Em 2009, lançou um fundo que rende de acordo com o mercado internacional de créditos de carbono. É uma Bolsa na Europa onde as empresas que conseguem reduzir suas emissões vendem créditos para as que precisam

cortá-las. Se esses créditos se valorizam, e as empresas conseguem mais dinheiro pela redução em sua poluição, os investidores do fundo também ganham. Se os créditos de carbono perdem valor, o Itaú paga de volta ao cliente o mesmo valor que ele investiu.

No ano passado, o banco também criou um fundo de renda fixa que destina 30% da taxa de administração paga pelos clientes a projetos ambientais de organizações sem fins lucrativos. É o fundo Ecomudança. Em 2010, três organizações ambientais receberam R\$ 320 mil. Uma delas foi o Centro de Logística e Apoio à Natureza, de Arraial do Cabo, no litoral do Estado do Rio de Janeiro. A ONG está ajudando os pescadores da região a trocar o óleo diesel usado nos barcos por biodiesel feito a partir do óleo de cozinha, menos poluente.

As políticas ecológicas do setor financeiro ainda são recentes e precisam ser aprimoradas. Para Oriana Rey, do programa Eco-Finanças da ONG Amigos da Terra Amazônia Brasileira, os bancos deviam acompanhar os cálculos de emissões de carbono de seus grandes clientes com tanto cuidado quanto com a contabilidade financeira. “É preciso medir de maneira mais apurada as emissões da carteira de clientes”, afirma. “Isso não será um processo fácil.” Mesmo que haja muito por fazer, o Itaú parece estar no caminho certo. No ano passado, recebeu o título de Banco Mais Sustentável do Mundo, concedido pelo jornal britânico *Financial Times* e pelo IFC, o braço do Banco Mundial para o setor privado. Concorreu com outras 17 instituições de todo o mundo, como o americano Bank of America e o alemão GLS Bank. “Premiamos instituições que incorporam valores socioambientais ao cotidiano das operações financeiras, aplicando-os na prática”, diz Miguel J. Martins, gerente do programa de investimentos sustentáveis do IFC, em Washington. “Essa preocupação será cada vez mais presente na indústria financeira.” ◆



ELAS TÊM AS MELHORES PRÁTICAS AMBIENTAIS

Além das quatro grandes
premiadas, conheça as
companhias que
estão transformando seu
dia a dia e gerando benefícios
para os negócios e
para o meio ambiente

Alexandra Gonzalez e Ana Carolina Nunes



HOUVE UM TEMPO EM QUE MEIO AMBIENTE NÃO era um assunto relevante no dia a dia das empresas. Até recentemente, mesmo companhias com atividades potencialmente poluentes tratavam o tema como algo menor, limitando-se a cumprir leis ambientais ou a desenvolver projetos marginais de educação ambiental. Isso mudou – e as vencedoras do Prêmio Época Empresa Verde são uma evidência dessa mudança. Hoje, não só as empresas demonstram clareza a respeito dos riscos e das oportunidades que as questões ambientais representam para o negócio como têm informações cada vez mais detalhadas e completas. E buscam torná-las públicas, num esforço positivo de transparência. É o que revelam as empresas premiadas que você conhecerá a seguir.

➔ ALGAR TELECOM

O trabalho começa em casa

A Algar Telecom incentiva os funcionários a se preocupar com o meio ambiente

A empresa de telecomunicações Algar Telecom investe no meio ambiente, com lucro. Ao injetar R\$ 50 mil em iniciativas simples para reduzir o gasto de energia elétrica, a empresa economizou R\$ 370 mil. Participaram clientes e funcionários da sede da empresa em Uberlândia, Minas Gerais. Uma campanha interna convenceu 90 mil clientes a receber a fatura de telefone por e-mail, reduzindo o uso de papel e tinta para impressão. Quem aderiu ganhou minutos adicionais. Os funcionários participam de atividades ambientais - como o plantio de árvores em áreas públicas cedidas pela prefeitura. Também reduzem gastos com combustível e emissões de poluentes com o programa de carona solidária.



ECOLOGIA A oficina ambiental da Algar Telecom. Os funcionários participam de eventos e plantam árvores em terrenos cedidos pela prefeitura

➔ AMBEV



Economia gota a gota

A fabricante de bebidas mobiliza a sociedade para o consumo consciente da água. A inspiração vem de suas fábricas

Em 2010, a AmBev contribuiu para colocar a economia de água em pauta no Brasil. Com o Movimento Cyan, mobilizou formadores de opinião e funcionários para a importância do consumo consciente desse recurso. Promoveu debates com especialistas e criou iniciativas como o projeto Pegada Hidrológica, que prevê a medição do consumo de

água em todas as etapas da produção da cerveja - para que sejam, a partir daí, elaborados projetos de redução em parceria com os fornecedores. A empresa investiu R\$ 5,8 milhões em instalações de reaproveitamento e implantou processos de recuperação de torres de resfriamento. O percentual de reciclagem de água nas fábricas da companhia é hoje de 50% do consumo total. A economia anual, de 2,4 bilhões de litros, seria suficiente para abastecer 450 mil habitantes por um mês. Em 2001, a AmBev usava 5,62 litros de água para cada litro de cerveja. Em 2010, esse índice caiu para 3,98 litros.

BOM EXEMPLO

Linha de produção da AmBev.

O consumo de água por litro de cerveja já foi reduzido em 30%



➔ ANDRADE GUTIERREZ

A engenharia da reciclagem

Na construtora, 77% dos resíduos das obras são reaproveitados em novos projetos

A construtora Andrade Gutierrez tem uma meta de reciclagem e reúso de todo entulho gerado em suas operações. No projeto das obras e na administração do escritório, a empresa já define como os materiais - de concreto e argamassa a papel e plástico - serão reciclados depois. É o que vai acontecer na reforma do estádio Arena do Amazonas, em Manaus, onde acontecerão jogos da Copa de 2014. O estádio está sendo demolido, e restos de concreto, o aço das vigas e parte das instalações elétricas serão reaproveitados na nova construção. Em 2010, 77% dos resíduos da construtora foram reciclados. A Andrade Gutierrez também busca reduzir a emissão de gases responsáveis pelas mudanças climáticas. No ano passado, as reuniões por videoconferência evitaram viagens que gerariam 100 toneladas de gás carbônico na atmosfera.

REÚSO

Obra da Andrade Gutierrez. A construtora reúsa resíduos, como os restos de concreto



➔ ARCELORMITTAL

Menos emissões, mais economia

Com processos mais limpos, a siderúrgica reduz os custos para o negócio

Em 2010, o principal investimento em equipamentos de controle ambiental da siderúrgica ArcelorMittal foi implantado em sua unidade instalada na Grande Vitória, no Espírito Santo. Trata-se de um sistema que retira amônia e outras substâncias do processo de destilação e reduz em 88% a emissão de gases como dióxido de enxofre na produção do coque, resíduo usado como combustível nos fornos de alta temperatura. Também nessa unidade, a empresa converte o vapor gerado nos processos em energia. Uma parte é usada para aquecer os altos-fornos, outra vai para as centrais termelétricas. Graças a essa tecnologia, a fábrica não depende de derivados do petróleo. A ArcelorMittal também fez mudanças no transporte das bobinas de aço. Em vez de usar mais 1.200 carretas para transportar toneladas do produto do Espírito Santo até Santa Catarina, hoje apenas quatro barcas oceânicas dão conta do recado. A iniciativa reduz emissões de gases do efeito estufa e gera economia: pela rota marítima os custos são 60% mais baixos.



PELO MAR Terminal da ArcelorMittal. Ela trocou o transporte terrestre de bobinas de aço por barcas oceânicas



INCENTIVO Viveiro de mudas do Bradesco. O banco compensa suas emissões de carbono e ajuda outras empresas a fazer o mesmo

Crédito espacial

O banco usa até imagens de satélites na análise de risco socioambiental de grandes empreendimentos

A política de sustentabilidade do Bradesco é aplicada de forma ampla: da escolha de fornecedores à avaliação de riscos na concessão de crédito a grandes empreendimentos. Em operações superiores a R\$ 50 milhões, as equipes de crédito e análise de riscos avaliam os projetos de acordo com diversos aspectos socioambientais. O Bradesco usa até uma ferramenta de análise baseada em imagens de satélite. Com ela, confere se as empresas que buscam financiamento operam em unidades de conservação, ecossistemas ameaçados ou terras indígenas – e nega o dinheiro se descobrir irregularidades. Projetos de efeito ambiental positivo, como certificação florestal ou instalação de aquecedores solares, têm acesso a linhas de crédito específicas. O banco também compensa suas emissões de gases do efeito estufa e criou uma área de gestão de crédito de carbono, que oferece a outras companhias orientação no planejamento de iniciativas de redução de emissões.

Agricultura responsável

A Bunge leva orientações sobre meio ambiente para produtores de soja

Em 2010, a Bunge, gigante do segmento de agronegócios e alimentos, avançou ainda mais em suas metas de eficiência energética. O índice de fontes renováveis chegou a 83% – a média brasileira é de 45%. A empresa consumiu 54% menos energia que no ano anterior. A Bunge tem meta de autossuficiência em madeira de reflorestamento, usada para geração de energia. Deve atingir esse objetivo até 2012. A preocupação com a biodiversidade também vem ganhando destaque. A Bunge mantém reservas particulares de Cerrado e Mata Atlântica no Tocantins, em São Paulo e em Santa Catarina. Nessas regiões, promove treinamento em agricultura sustentável para produtores de soja. A empresa descarta produtores que não respeitam a Moratória da Soja – um acordo firmado entre governo, ONGs e indústrias contra a venda de grãos cultivados em áreas desmatadas ilegalmente na Amazônia.



ENERGIA Funcionários da Bunge em campo. A empresa está prestes a se tornar autossuficiente em madeira de reflorestamento

**→ CAIXA**

LIMPO Uma agência flutuante da Caixa. O barco possui um sistema de limpeza que trata 100% da água antes de jogá-la no Rio Amazonas

Dinheiro para casas verdes

A Caixa ajuda a construir habitações que respeitam critérios de sustentabilidade

O meio ambiente entrou na pauta do financiamento de moradias da Caixa. O banco certifica empreendimentos habitacionais com base em mais de 50 critérios de sustentabilidade. Por meio do programa Madeira Legal, em parceria com o Ibama e o Ministério do Meio Ambiente, exige comprovação da origem da madeira usada nos projetos que financia. Para famílias com renda de até três salários mínimos, a Caixa incentiva, com ampliação do crédito, o uso de sistema de aquecimento por energia solar, promovendo redução de até 40% no consumo de energia. A empresa também cuida das próprias agências. A primeira agência flutuante tem um sistema de tratamento que devolve para o Rio Amazonas apenas água tratada.

→ CNEC WORLEYPARSONS

Esforço contínuo

A empresa de engenharia trabalha para reduzir suas emissões de carbono ano a ano

A Cnec WorleyParsons tem um departamento de meio ambiente que planeja o uso eficiente dos recursos naturais em seus projetos de engenharia. No planejamento de hidrelétricas, fábricas e estradas, a empresa busca delimitar a área dos empreendimentos para evitar desmatamento nos canteiros de obras. A empresa investe para reduzir suas emissões responsáveis pelas mudanças climáticas em 2,5% a cada ano. Entre as iniciativas, a Cnec dá prioridade a veículos movidos a etanol, realiza estudos para abreviar os trajetos, substitui reuniões presenciais por videoconferências e incentiva a formação de grupos de carona entre os funcionários. O escritório em São Paulo fica num condomínio que possui contrato para usar somente energia proveniente da queima de biomassa (que não contribui para o aquecimento global) ou de pequenas hidrelétricas.

**EM EQUIPE**

O escritório da Cnec, em São Paulo. A empresa usa videoconferências para reduzir a queima de combustível



PRESERVAÇÃO Usina hidrelétrica no Tocantins. A empresa estuda como reduzir a morte dos peixes nas turbinas

De olho na biodiversidade

O grupo de energia investe na proteção da fauna e da flora nas áreas de influência das usinas

A EDP do Brasil investe em fontes renováveis de energia. São usinas hidrelétricas e eólicas. Desde 2009, aproveita essas fontes em Mato Grosso do Sul e no Espírito Santo para conseguir créditos por reduzir a emissão de gases responsáveis pelas mudanças climáticas. São os créditos de carbono, negociados em mercados internacionais, como os da Europa. A receita gerada pela venda desses créditos é aplicada em projetos sociais apoiados pelo Instituto EDP, que envolvem bibliotecas e oficinas de leitura para crianças e adolescentes. Em 2010, a empresa investiu R\$ 20 milhões em atividades de proteção da fauna e da flora nas áreas de influência da empresa. São programas para conservação de lobos, morcegos, répteis, aves e anfíbios. Há centros para recuperação de animais feridos na área das barragens. Os projetos são feitos em parcerias com universidades. No Tocantins, a EDP pesquisa como reduzir a morte dos peixes que passam pelas turbinas.



A arma é o design

Mudanças em produtos e embalagens reduzem o impacto ecológico da fabricante de equipamentos de tecnologia

A principal arma da HP na redução de seu impacto no meio ambiente é o design. Da matéria-prima à embalagem, tudo é pensado com o intuito de diminuir o consumo de materiais e energia e facilitar o reaproveitamento de plásticos e metais. A empresa vem reduzindo o tamanho e o peso dos equipamentos e das embalagens. Também investe em meios de recuperar o material usado e trazê-lo de volta para reprocessamento na fábrica. Do Centro de Reciclagem em Sorocaba, São Paulo, o primeiro da HP na América Latina, saíram no ano passado 1 milhão de cartuchos de impressora novos feitos com produtos reciclados da própria HP. Essa iniciativa representou economia de 69% de água, se comparada com a produção de componentes fabricados com plástico novo, e uma redução de 22% em emissões de carbono. Algumas impressoras são feitas com 50% de plástico reciclado.

RENOVAÇÃO

A fábrica da HP em Sorocaba. As impressoras novas saem da linha de produção com 50% de plástico reciclado

→ HSBC

Eficiência interna

O banco investe em prédios verdes e na economia de energia das agências

Estimulado por um programa global, o HSBC assumiu o compromisso de investir no Brasil R\$ 2,5 milhões em tecnologias ambientais inovadoras. O valor foi ultrapassado com a construção de dois prédios ecologicamente corretos, um deles inaugurado recentemente em São Luís, no Maranhão. A construção usa água da chuva para descargas dos banheiros. As paredes têm isolamento térmico, que reduz a necessidade de ar-condicionado. O prédio usa também um gerador de eletricidade movido a vento, que reduziu em 10% o consumo elétrico.



ECOEFIÊNCIA

Gerador movido a vento na agência do HSBC em São Luís, no Maranhão. Redução de até 10% no consumo de energia

→ IRANI



Nada se perde

Cerca de 90% dos resíduos da fabricante de papel e celulose são reutilizados

A Irani quer se tornar, até 2012, uma empresa que não emite gases responsáveis pelas mudanças climáticas em suas atividades. Seu primeiro inventário desses gases do efeito estufa, realizado em 2006, revelou emissões de 78.000 toneladas de dióxido de carbono. No ano passado, o volume havia caído para 23.000 toneladas. Um dos responsáveis por essa diminuição foram mudanças na estação de tratamento de água, que eliminaram a geração de gás metano, que contribui para a alteração do clima. A Irani reusa 90% do material descartado em suas operações. As cinzas das caldeiras são aproveitadas como fertilizante nas áreas de reflorestamento. Os restos de fibra e o lodo da estação de tratamento de água são enviados para uma empresa que os transforma em adubo. Além disso, as sobras de madeira são queimadas para produzir energia.

RENOVÁVEL

Pátio da fábrica da Irani em Vargem Bonita. As sobras de madeira são usadas para produção de energia



➔ NATURA

Investimento além dos cosméticos

A Natura investe em redução de emissões fora da empresa, para compensar suas atividades

Mudanças nas matérias-primas dos cosméticos, nas embalagens e no transporte já levaram a Natura a reduzir suas emissões de carbono em 21%. A meta para 2011 é chegar a 33%. As emissões que não podem ser evitadas são compensadas com o apoio a iniciativas de outras entidades. Neste ano, a empresa selecionou seis projetos nos setores de energia e florestas. Um dos destaques é um programa para energia renovável em indústrias de cerâmica em Ituiutaba, Minas Gerais. O projeto substitui a queima de madeira nativa desmatada no Cerrado mineiro por combustíveis de fontes renováveis, como eucalipto plantado, para aquecer os fornos na produção de tijolos. A iniciativa deixará de emitir 137.000 toneladas de gás carbônico na atmosfera em dez anos. A Natura também está recuperando 220 hectares de florestas degradadas nas nascentes do Rio Xingu, em Mato Grosso.



RECUPERAÇÃO Viveiro de projeto apoiado pela Natura. Apoio a iniciativas de reflorestamento

➔ SANTANDER



PARCERIA Casa ecológica da Tecverde. Ela foi construída com o apoio do Santander

Incentivo à inovação

A nova área de negócios sustentáveis do banco desenvolve projetos ambientais com clientes

Em 2010, o Santander criou a área para a concessão de crédito a projetos que priorizam os aspectos de sustentabilidade. Além de emprestar o dinheiro, a equipe da área ajuda a empresa cliente a encontrar e implementar soluções ambientais inovadoras. Um exemplo é o trabalho feito com a Tecverde, empresa de engenharia de Curitiba. O banco ajudou a Tecverde a importar da Alemanha uma tecnologia para construções com painéis de madeira de florestas plantadas, como pinheiros. Com essas paredes, a construção gasta menos energia e gera 80% menos resíduos que as obras convencionais.



➔ TELEFÔNICA

Jardins suspensos

A empresa estuda telhados verdes para reduzir o ar-condicionado nas centrais telefônicas

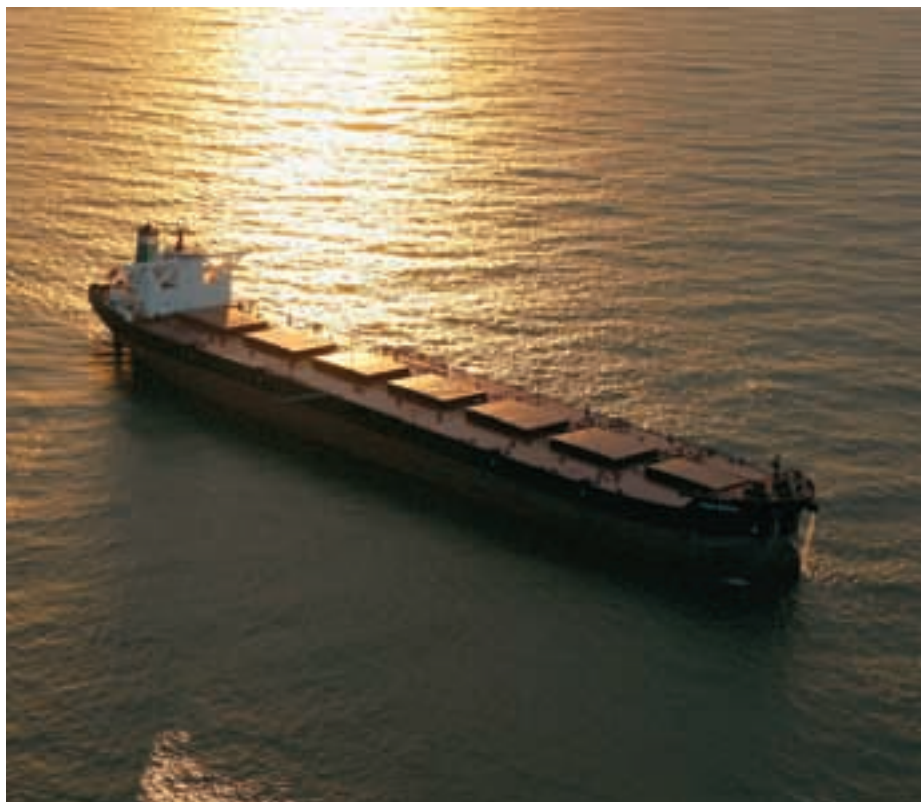
Em 2010, a Telefônica investiu R\$ 3 milhões em projetos de eficiência energética. Substituiu equipamentos de informática nos escritórios e realizou obras em 25 prédios para aumentar o aproveitamento de ar externo no resfriamento. Com isso, diminuiu a necessidade de ar-condicionado para manter a temperatura dos grandes computadores responsáveis pelas redes de telefonia e internet. O consumo de energia da empresa caiu em 5,2% no ano passado - ultrapassando a meta de 4%. Agora, a empresa pesquisa telhados ecológicos sobre as centrais telefônicas. Trata-se de uma espécie de jardim suspenso, instalado na laje dos prédios, que melhora o isolamento térmico da construção e reduz a necessidade de ar-condicionado. A Telefônica também pesquisa sistemas de videoconferência para reduzir as viagens das empresas clientes.



VERDE

Telhado com plantas em uma central. A vegetação melhora o isolamento térmico e mantém o prédio naturalmente mais frio no verão

➔ VALE



PREMIADO O navio cargueiro Vale Brasil. Reconhecido como o navio mais limpo do mundo, reduz as emissões de carbono em até 35% por tonelada de minério

Controle em alto-mar

Navios de grande porte ajudam a reduzir as emissões da mineradora

A mineradora Vale ampliou, em 2010, seu mapeamento das emissões de gases de efeito estufa. Convidou 70 de seus maiores fornecedores para responder ao questionário sobre as emissões para calcular, no inventário de 2011, os dados desses parceiros. A empresa também intensificou o controle ambiental das operações de navegação. Investiu na compra e no frete de navios de grande porte. Com 362 metros de comprimento e capacidade para transportar 400.000 toneladas, esses gigantes queimam 35% menos combustível por tonelada de minério transportada. O primeiro deles, o Vale Brasil, recebeu em maio o Nor-Shipping Clean Ship Award, prêmio internacional da indústria de navegação, por ser o cargueiro de minério mais limpo do mundo. Até 2013, a Vale pretende operar com 35 desses cargueiros.